Acervo ISA

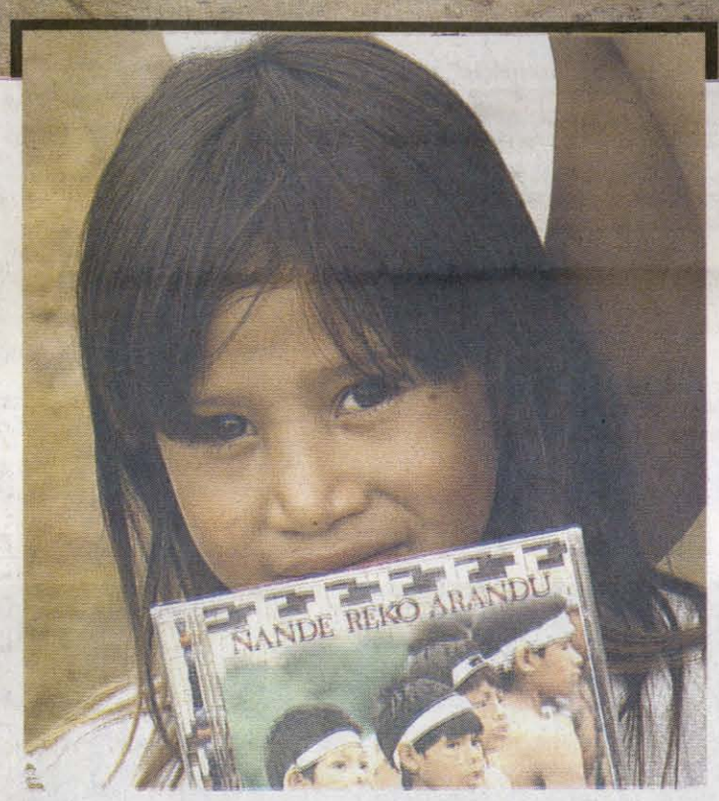
INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte FSP
Data 19/2/99 Pg 4-1
Class. 34

FOLHA ilustrada
4º caderno ★ Página 9 ★ São Paulo, sexta-feira, 19 de fevereiro de 1999

Memória da cultura guarani ganha registro em álbum

Fotos Paulo Giandalia/Folha Imagem

Cânticos de quatro aldeias estão em 'Ñande Reko Arandu - Memória Viva Guarani', que é lançado de hoje a domingo no Sesc Pompéia, em SP



No alto, índios guarani dançam na aldeia Morro da Saudade, em Parelheiros, zona sul de São Paulo; acima, criança segura o CD que será lançado hoje; e ao lado, índios tocam na aldeia

Ouça **"Nhanerãmoi'i Karai Poty"**, com os índios Guarani
0900-11-2246
Digite 9
O custo da ligação é de **R$ 2 por minuto** em todo o país. Sugestões: (011) 224-3317. Tecnologia: Vimeltary

CARLOS BOZZO JUNIOR
especial para a Folha

"Com a música e a harmonia eu me atrevo a trazer a mim todos os indígenas da América" **Padre Nóbrega, um dos primeiros padres a chegar ao Brasil no século 16**

Com o intuito de preservar a cultura guarani, índios de quatro aldeias (Angra dos Reis, Rio, e São Sebastião, Parelheiros e Ubatuba, todas de São Paulo) gravaram vários cânticos tradicionais no CD "Ñande Reko Arandu - Memória Viva Guarani", que será lançado em show, de hoje a domingo, no Sesc Pompéia, em São Paulo.

O evento, que inclui números de canto e dança, conta ainda com exposições de fotos; peças de arte confeccionadas em trama de taquara, penas e madeira; 50 desenhos infantis, além de vídeos sobre o cotidiano dos índios guarani.

Cada um dos quatro grupos, formado por aproximadamente 30 crianças e jovens, deve encenar três cânticos durante o espetáculo.

História

O índio, antes da chegada dos colonizadores portugueses, já era músico, inventava e construía seus próprios instrumentos musicais. Porém a catequese quase acabou com isso ao impor a música européia, além de proibir a execução de qualquer cântico indígena.

No entanto, vários desses cânticos, preservados na memória dos índios e transmitidos oralmente, de geração a geração, encantaram viajantes europeus que aqui pisaram.

Ao ouvir um coro com mais de 600 vozes formado por "selvagens", o historiador Jean de Léry, que esteve no Brasil em 1556, com os protestantes do almirante Coligny para fundar a França Antártica, ficou impressionado. Assim como Spix e Martius, que em "Reise in Brasilien", (Munique, 1831) elogiaram o talento musical do povo indígena.

A aldeia

Mesmo longe de seu estágio de cultura pura, 529 índios guarani da aldeia Morro da Saudade ainda trazem, em sua música, elementos tradicionais que emocionam.

A aldeia, de Parelheiros, zona sul de São Paulo, está a cerca de 50 km do centro da cidade. Poucos são os índios que exibem a pele queimada pelo sol. Vestem camisetas com dizeres em inglês, ou com emblemas de clubes de futebol.

Não fazem mais "m'baraca" (violões com casca de tatu) ou "rawé" (rabecas). Usam instrumentos feitos em fábricas, como um surrado violão, além de um violino de procedência desconhecida. A única exceção é o "anguapú" tambor tradicional), feito de madeira flexível de casca de iguatambuque, com pele de couro de veado, caçado na serra do Mar. A afinação dos instrumentos é própria dos guarani.

Duzentas e cinquenta crianças, de 0 a 16 anos, que não falam português, aprendem música, participando das manifestações culturais da aldeia.

As crianças escolhidas para o CD foram as que mostraram mais interesse nos ensaios e disponibilidade para sair da aldeia, o que muitas não gostam de fazer.

Responsável pelas letras e traduções dos cânticos, o índio Timóteo da Silva-Verá Popyguá, 27, nascido na aldeia, fala português há apenas sete anos.

Leia, a seguir, trechos da entrevista que Verá Popyguá concedeu à **Folha**, na aldeia.

★

Folha - Como surgiu a idéia de gravar o CD?

Timóteo da Silva-Verá Popyguá - Surgiu nessa aldeia. Com os índios mais velhos, resgatei alguns cânticos e gravei-os. Conversei com Osório Cordeiro Verríssimo, o Karaí, índio morador daqui, que tinha 130 anos, e ele me pediu para passar isso para as crianças. Ele morreu um ano depois. Levei dois anos para fazer esse CD, que é para mostrar que nós realmente existimos, porque quando um povo não mantém sua cultura, sua religião ou sua língua, fica completamente perdido.

Folha - Como você resgatou a dança desses cânticos?

Verá Popyguá - Eu tive um sonho com Tupã, mostrando a dança para mim. Não fiz da minha cabeça, cada música tem uma coreografia, que eu vi em um sonho.

Folha - Os jesuítas usaram a música para catequizar e se aproximar dos índios. Qual é a função da música para o guarani?

Verá Popyguá - É para falar da paz, da união e da harmonia com a natureza. Há dois anos que nos unimos mais, por meio da música.

Folha - Como nasce um cântico?

Verá Popyguá - Os músicos fazem e mostram para os mais velhos, para ver se está certo. Se for aprovado, é bom. Quando tem alguma coisa que sai da linha, eles tiram e colocam outra palavra.

Folha - Que música se escuta na aldeia, além da música indígena?

Verá Popyguá - Zezé Di Camargo e Luciano e algumas músicas da Colômbia que têm flauta.

Disco: Ñande Reko Arandu - Memória Viva Guarani
Grupo: índios guarani
Lançamento: independente
Quanto: R$ 18, em média

Evento: Ñande Reko Arandu - Memória Viva Guarani
Quando: hoje e amanhã, às 21h; dom, às 18h
Onde: Sesc Pompéia (r. Clélia, 93, Lapa, tel. 011/3871-7777)
Quanto: R$ 10, R$ 7,50 (com carteirinha) e R$ 5 (comerciários e estudantes)
Patrocínio: Caixa Econômica Federal e Secretaria de Estado da Cultura

ARTIGO

Os índios: uma só nação

ORLANDO VILLAS BÔAS
especial para a Folha

Os índios, sejam eles de qualquer um dos quatro troncos linguísticos, quando analisados no seu comportamento e visão do mundo, podem ser considerados como uma só nação —embora se diferenciem na expressão linguística.

Seus ritos, seus cerimoniais, no fundo e na forma, mostram os mesmos valores. Há, num aspecto geral, a mesma semelhança psicológica e temperamental. Os recursos da subsistência são colhidos na mesma natureza, usando os mesmos processos.

Um dos traços mais marcantes das sociedades indígenas, em seus estágios de cultura pura, é não conhecerem nem sentirem a fome como crise. Condição essa presente e assustadora no universo civilizado.

A cultura indígena, tal como as de outras sociedades, é complexa. Porém, em alguns aspectos, foge da regra geral de outros povos quando constatamos a não-existência de desníveis econômicos que inexoravelmente criam faixas sociais diferenciadas.

Numa sociedade indígena não existem normas estabelecidas que dêem a alguém a prerrogativa de chefe ou líder do núcleo social. Aquele chamado cacique não tem privilégios autoritários, mas tão-somente os de conselheiro.

O chefe-conselheiro da aldeia, quer seja de linhagem ou aquele que o substitua, tem normas rígidas de comportamento. São comedidos, não falam nem riem alto, não fazem gestos bruscos, não andam apressados e jamais vêm a correr.

Donos absolutos da terra que dominavam, um dia a viram invadida. De braços abertos receberam os invasores. E estes, sem saber, estavam ganhando um continente, e aqueles, os índios, dando os primeiros passos rumo a um futuro incerto, para não dizer trágico.

A convivência nascida do contato foi sendo desastrosa para o índio.

Castigo maior surgiu com o "preamento", que consistia na tentativa do trabalho escravo. A nova orientação que vinha sendo firmada pelos novos donos da terra era a de integrá-los aos padrões da nova sociedade.

Tal coisa passou a ser a viga mestra da política indigenista brasileira. E o testemunho dessa verdade está posta aos nossos olhos com os índios aculturados das áreas urbanas.

A fúria, contudo, da nova civilização, dona da terra, não precisa mais do braço escravo do índio. Não são poucos, porém, aqueles que vêem uma nova fonte de ganho vendendo a cultura do índio por meio do turismo.

Em meio a esse quadro trágico, é formidável que possamos, hoje, magnificamente assistir como uma lembrança viva do passado distante é a música hoje documentada, não pelos adultos, mas pelas crianças, num CD chamado "Ñande Reko Arandu", produzido pela Comunidade Solidária, do Projeto Memória Viva Guarani, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura por meio da Caixa Econômica Federal.